

Sesc^{tv}

Julho/2015 – edição 100
sesctv.org.br/aovivo

A VIDA NÃO BASTA
DOCUMENTÁRIO
TRAÇA PARALELO
ENTRE VIDA E ARTE

ENTREVISTA
SIDNEY LEITE E A
MEMÓRIA HISTÓRICA
BRASILEIRA

INSTRUMENTAL
ARTHUR VEROCAI
REVISITA ÁLBUM
DE 1972



EDUARDO COUTINHO, 7 de Outubro

Direção: Carlos Nader

14/8, sexta, 23h
18/8, terça, 1h
22/8, sábado, 22h
27/8, quinta, meia-noite

Foto: Divulgação

Realização:



Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



/SESC TV

A arte aproxima opostos, questiona, modifica, interpreta e reinventa a partir da perspectiva de cada criador. Assim, o artista dialoga com seu público através de suas próprias referências e repertórios, propondo novos olhares e experiências inéditas, tanto no campo intelectual quanto no sensorial, a cada novo trabalho. Da mesma forma, o público que toma contato com a obra se apropria do trabalho artístico e dá a ele outros infinitos sentidos e significados.

O poder de transformação da arte é tema de *A Vida não Basta*, documentário de Caio Tozzi e Pedro Ferrarini, que o SescTV exibe em julho. O filme investiga a relação entre vida e arte e as motivações que levam artistas como Denise Fraga, Toquinho, Milton Hatoum, Ferreira Gullar, Laís Bodanzky, entre outros, a transformar a realidade através de seus trabalhos e a criar imagens particulares do real.

Outro destaque na programação deste mês é *Nublu Jazz Festival: Mente, Corpo, Espírito*, que contextualiza as origens do Nublu Jazz Festival, criado pelo músico Ilhan Ersahin, em 2002, a partir da experiência do clube de jazz homônimo em Nova Iorque, que tem edições no Brasil, pelo Sesc São Paulo, e em Istambul. A série *Na Sombra da História*, com direção de João Batista de Andrade, traz dois episódios inéditos sobre as Revoluções de 1930 e 1932. No *Instrumental Sesc Brasil*, o músico e compositor Arthur Verocai revisita seu álbum de 1972.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o historiador Sidney Ferreira Leite, que fala sobre a relação entre História e cinema, com a possibilidade de uso dos filmes como um instrumento de ensino. O artigo do ator, autor e diretor Hugo Possolo traz uma abordagem poética sobre a arte como uma escolha de vida. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

Documentário *A Vida não Basta*, direção de Caio Tozzi e Pedro Ferrarini
Foto: Novel Robinson

SescTV é um projeto de difusão cultural do Sesc em São Paulo. O canal é distribuído gratuitamente e tem por missão ampliar a ação do Sesc para todo o Brasil.

Volta aos princípios

FOTO: FLO DIP



Em 1972, o maestro, arranjador, instrumentista e compositor Arthur Verocai lançava seu primeiro disco. “Ele foi uma resposta ao pessoal que me criticava na época, que falava que eu não tinha estudo”, lembra o músico. O trabalho de réplica aos críticos, contudo, não teve um amplo alcance de público naquele tempo, devido a seu caráter não comercial.

Três décadas mais tarde, em 2009, uma inesperada repercussão desse projeto surpreendeu o próprio Verocai. Relançado nos Estados Unidos, em 2003, o álbum despertou interesse de outros músicos, DJs e rappers norte-americanos. Sua composição *Caboclo* foi sampleada por *Little Brother*, na faixa *We Got Now*; e o rapper *Ludacris* incorporou *Na Boca do Sol* à canção *Do the Right Thing*. A partir de então, a carreira do compositor brasileiro ganhou novas perspectivas. Naquele mesmo ano, Verocai passou a se apresentar em casas de shows pelo país. “Na passagem de som para um show em Los Angeles, vendo aquele teatro vazio, eu disse: ‘Como é que vou encher isso aí?’. E lotou, é impressionante, eu não sabia que tinha fãs por lá”, comenta.

Nesse intervalo de 30 anos, entre os 1970 e 2000, Arthur Verocai trabalhou no ramo publicitário, no qual ingressou por se sentir à margem mesmo entre os “malucos” da música brasileira. Também participou

de gravações de nomes como Ivan Lins, Jorge Benjor, Erasmo Carlos e Marcos Valle.

O retorno à evidência não se deu somente no exterior: no Brasil, passou pelas mãos do DJ Nuts. “Conheci o trabalho do Arthur na ficha técnica do disco *Agora...* do Ivan Lins”, diz ele. Nuts conta ainda que, em 2002, conseguiu adquirir um exemplar raro da prensagem original do álbum de 1972 de Verocai. O disco chega a valer cinco mil dólares em leilões, segundo o DJ, responsável pela organização do show de 2009, em Los Angeles.

Em setembro de 2014, Arthur Verocai interpretou composições de seu repertório, marcadas pela mescla de jazz, bossa nova e experimentalismo, em apresentação para o projeto Instrumental Sesc Brasil, realizada no Sesc Consolação, em São Paulo. Entre elas, *Karina*, *Balada 45*; *Flying to L.A.*; *Posto VI*; e *Sucuri*. Empunhando o violão ou a guitarra, foi acompanhado de uma *big band* formada pelos músicos Itamar Assiere (piano e teclado); Luiz Alves (baixo); Pascoal Meirelles (bateria); José Arimatea (trompete); Idriss Boudrioua (saxofone alto); e Daniel Garcia (flauta e saxofone tenor). O SescTV exhibe o show neste mês, com direção para TV de Max Alvim. Antes, o programa *Passagem de Som* apresenta os bastidores da realização do espetáculo e entrevista Verocai. Também neste mês, o canal apresenta programas inéditos com os músicos Fernando Sodré, Samy Erick e Chico Pinheiro.

ARTHUR VEROCAI MOSTRA ESTILO QUE CRIOU NOS ANOS 1970 E MESCLA BOSSA NOVA, JAZZ E IMPROVISAÇÃO

▶ PASSAGEM DE SOM E INSTRUMENTAL SESC BRASIL

Domingos, a partir das 21h **L**

Fernando Sodré

Dia 5/7

Arthur Verocai

Dia 12/7

Samy Erick

Dia 19/7

Chico Pinheiro

Dia 26/7

Jazz na ‘sala de estar’

FOTO: ALEX RIBERO/ VISOR MÁGICO



“Um clube do tamanho da minha sala de estar.” É assim que o baterista Jojo Mayer descreve o Nublu, uma casa de shows fundada em 2002 no bairro nova-iorquino do Lower East Side que se consolidou como um espaço de encontros para os amantes e praticantes do jazz. O idealizador do Nublu é Ilhan Ersahin, músico sueco que chegou aos Estados Unidos em 1986 e, desde 1990, vive em Nova York. “Mas em 1996, aproximadamente, eu comecei a me cansar da cena de lá”, conta ele. “A cidade estava em um momento muito conservador, em que os brancos tocavam um tipo de jazz e os negros tocavam outro. Os estilos musicais estavam muito separados”, lembra.

Foi a motivação que precisava para criar um novo espaço para a experimentação musical, tendo o jazz como referência de base. Seu objetivo, ao montar o Nublu, era realizar o movimento inverso – o de integração. “Minha ideia não era contratar uma banda para tocar, era fazer uma *jam*, chamar um DJ, um rapper, um músico de jazz, outro de world music... e assim as festas acabavam se tornando algo bem diferente”, afirma. O projeto cresceu e deu origem também a um selo e a um festival anual que, além de Nova York, ocorre em Istambul e em São Paulo.

“Nu” é uma alusão a novo, renovar, recriar. “Blu” é o blues, o espírito. “Você precisa dos dois, da novidade

e da alma, em uma música”, diz o baterista Karriem Riggins. Uma combinação que tem atraído também músicos mais experientes como o guitarrista John Scofield, que foi parceiro de Miles Davis nos anos 1980. “Eu venho estudando jazz tradicional por toda a minha vida, mas sempre gostei de rock e blues, sempre vivi essa mistura de estilos, e essa fusão existe até hoje através do Nublu e do Ilhan”, afirma Scofield. “O clube em Nova York se tornou um paraíso para essa música combinada com a improvisação.”

No Brasil, a quarta edição do Nublu Jazz Festival foi realizada em 2014, com shows nas unidades do Sesc Belenzinho e Ribeirão Preto. O guitarrista Kassin o define como um festival de jazz experimental contemporâneo. Às atrações internacionais, como Jason Moran and the Bangwagon, Jojo Mayer, The John Scofield Überjam Band, Karriem Riggins e o pianista norueguês Bugge Wesseltoft, juntaram-se nomes brasileiros como Alberto Continentino, MC Xis, DJ Nuts e Guizado, além de Kassin. “O Nublu é quase um órgão diplomático, porque tem essa força de juntar os músicos dos países e fazer ligações e pontes entre eles”, diz Guizado. “Nublu é o quintal dos amigos.”

Neste mês, o SescTV exibe um documentário, dividido em três partes, sobre o Nublu Jazz Festival em São Paulo. Cada programa tem uma definição temática: Mente; Corpo; e Espírito, a partir das quais os músicos discutem suas influências, trajetórias e percepções sobre essa mistura musical. O documentário é uma realização do SescTV, com produção da 5600K e direção para TV de Daniel dos Santos.

ORIGINADO EM UMA CASA DE SHOWS DE NOVA YORK, NUBLU JAZZ FESTIVAL INTEGRA ESTILOS E MÚSICOS DE VERTENTES DIVERSAS

▶ DOCUMENTÁRIO

Nublu Jazz Festival L

Capítulo 1: Mente

Dia 24/7, 19h

Capítulo 2: Corpo

Dia 25/7, 19h

Capítulo 3: Espírito

Dia 26/7, 19h

Caleidoscópico da realidade

FOTO: DIVULGAÇÃO



“A arte existe porque a vida não basta.” Com a frase, o poeta Ferreira Gullar pondera que, em vez de revelação, a criação artística seria uma reinvenção da realidade. “O artista sempre vai poder inventar mais do que existe”, afirma. “Se eu faço um poema, estou acrescentando uma coisa ao mundo.”

O processo de reinventar o real se define tanto pelos signos adotados pelo artista quanto por suas influências. “A arte está dentro de nós mesmos, porque ela é uma invenção de outros mundos, com formas de linguagem diferentes”, diz o escritor Milton Hatoum. E essas linguagens se comunicam para transformar inspiração em produção. O próprio Hatoum conta que a primeira emoção que sentiu em referência à arte foi através da música, e não da literatura, ao ouvir a professora de sua irmã tocar uma serenata de Schubert.

O despertar da necessidade criativa – contra uma vida que “por si só é muito chata”, nas palavras do músico Toquinho – geralmente vem cedo e com influência do meio, além de estar ligado a memórias afetivas. Nesse aspecto, o próprio Toquinho afirma que a figura paterna foi predominante. “Eu não almoçava aos domingos sem ouvir as músicas que meu pai colocava – Caruso, Ray Conniff, Neil Sedaka, Paul Anka.”

No caso do estilista Ronaldo Fraga, a verve artística surgiu da carência financeira que impedia sua família de comprar roupas: “Eu gostava de desenhar aquilo que eu não tinha”.

Partir de um primeiro impulso e tornar-se artista de fato é, mais do que desvendar o entorno, descobrir a si mesmo. Para a cineasta Laís Bodanzky, o mais importante de sua formação não foi o curso de cinema, mas o exercício do seguinte discurso: “O que eu tenho para falar? E de que forma?”. Ela afirma que precisou fazer um curso de teatro para entender que seu desejo não era só o de atuar, mas trabalhar a concepção inteira de um espetáculo.

Ainda que não baste, a realidade é a principal matéria-prima da arte para muitos criadores. “Tudo o que escrevi, ou quase tudo, passou por uma experiência de vida ou de leitura”, diz Hatoum. “Eu não inventei nada, só coloquei o holofote no que já estava na vida”, afirma Laís Bodanzky. E chamar a atenção para aspectos do cotidiano pode ser uma reinvenção da vida real que extrapole o plano artístico e a modifique concretamente. “A arte é capaz de transformar a realidade”, diz Laís. Ou, segundo o dramaturgo Leonardo Moreira, “é um instrumento de reparação da realidade”.

No documentário *A Vida não Basta*, dirigido por Caio Tozzi e Pedro Ferrarini e que o SescTV exhibe neste mês, Ferreira Gullar, Milton Hatoum, Toquinho, Ronaldo Fraga, Laís Bodanzky, Leonardo Moreira, a atriz Denise Fraga e os irmãos quadrinistas Gabriel Bá e Fábio Moon relacionam suas trajetórias artísticas a fatos da vida pessoal, além de abordar seus métodos e processos criativos.

ARTISTAS BRASILEIROS EXPLORAM A RELAÇÃO ENTRE PRODUÇÃO CRIATIVA E MUNDO REAL EM *A VIDA NÃO BASTA*

▶ DOCUMENTÁRIO

A Vida não Basta

Dia 25/7, 22h **L**

Memórias afetivas



CARTAZ DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932. FOTO: DIVULGAÇÃO

Os anos 1930 foram marcados por movimentos que redefiniram os rumos do Brasil. Em 1929, a política do café com leite, que revezava no poder presidentes de São Paulo e de Minas Gerais, foi quebrada quando os paulistas nomearam Júlio Prestes como candidato. Em represália, o governo mineiro apoiou a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, que perdeu a eleição, mas assumiu a presidência por um golpe de Estado. Era a Revolução de 1930 que, segundo o cineasta João Batista de Andrade, incomodou muito os paulistas, orgulhosos do *status* de sua região – industrializada, desenvolvida e com uma classe dominante muito forte. “O incômodo se agravou com a nomeação de um interventor no Estado”, diz.

São Paulo protagonizou então a Revolução de 1932, cujo impacto na opinião pública nacional em muito contribuiu para a convocação da Assembleia Constituinte de 1934, que, apesar de manter Getúlio no poder, promulgou uma nova Constituição. Mais de 80 anos depois, é a memória histórica desses fatos, e sua interpretação, que Andrade busca nas ruas, a partir de entrevistas com pessoas escolhidas de forma aleatória. Muitas se lembram de Getúlio Vargas como o “pai dos pobres”, pela instituição de leis trabalhis-

tas, prevalecendo a imagem de um político de caráter paternalista.

Enquanto alguns entrevistados confessam desconhecimento desses eventos históricos, outros se posicionam sobre eles a partir de lembranças que provêm mais de vivências pessoais do que dos livros escolares. “As crianças crescem, mas em relação à política seguem alienadas, sem vontade de aprender sobre sua história”, afirma uma jovem. “Eu mesma confesso que sei quem foi Getúlio Vargas, mas não sei falar a fundo a respeito. Eu estudei na escola, mas ficou por lá.”

Porém, na medida em que adquirem a condição de memória afetiva, os aprendizados se sedimentam. “Meu avô conta que eles vendiam ouro e alianças para derreter e fazer dinheiro”, relata um entrevistado, referindo-se à ajuda dada aos revoltosos paulistas de 1932. “Minha mãe me conta dos aviõezinhos vermelhos do governo, que faziam todo mundo sair correndo para debaixo da cama”, diz uma mulher sobre essa passagem histórica. “Meu avô morreu nessa revolução”, afirma outro depoente. “Ele foi um dos que lutaram pela derrubada do Getúlio.”

As revoluções de 1930 e 1932 são os temas de dois episódios inéditos da série *Na Sombra da História*, que o SescTV exibe neste mês. Com 13 episódios de 26 minutos cada, a série propõe uma reflexão sobre fatos que marcaram a história do Brasil, a partir de entrevistas feitas nas ruas das cidades. Direção de João Batista de Andrade.

REVOLUÇÕES DE 1930 E 1932, NO BRASIL, SÃO LEMBRADAS POR NETOS E FILHOS DE QUEM VIVEU ESSE PROCESSO

▶ NA SOMBRA DA HISTÓRIA

Segundas, 20h **L**

Semana de 22

Dia 6/7

Tenentismo

Dia 13/7

Revolução de 1930

Dia 20/7

Revolução de 1932

Dia 27/7

‘Hollywood é uma péssima professora de História’

FOTO: JEFF DIAS



SIDNEY FERREIRA LEITE é historiador, mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo; pós-doutor em comunicação pela Universidade Metodista, pró-reitor acadêmico do Centro Universitário Belas Artes, onde também é professor do curso de Relações Internacionais. Em sua pesquisa de doutorado, estudou a relação entre História e o cinema, com a tese *O filme que não Passou: Estados Unidos e Brasil na política da boa vizinhança – diplomacia através do cinema*.

**UM FILME É UMA CONSTRUÇÃO,
É UMA LEITURA. NÃO É
A VERDADE, MAS UMA
REPRESENTAÇÃO DA VERDADE**

Qual a relação entre a sociedade brasileira e sua História?

No Brasil, há uma dificuldade de constituição do conhecimento histórico porque o Estado constrói uma galeria de heróis para contar a História oficial que é predominantemente ensinada na escola. Percebemos isso ao ler os livros didáticos que, por mais que tentem romper com a tradição, não conseguem fugir de uma reprodução factual de nomes e datas. Assim, não conseguimos viabilizar com eficiência uma História crítica da sociedade. Na redemocratização do país, voltamos a discutir a História como ferramenta da cidadania, mas essa discussão me parece que se perdeu. Rompemos com aquela carga ideológica e doutrinadora do regime militar, mas não conseguimos construir um modelo de ensino de História que fosse eficaz. Abandonamos um projeto, mas vivemos num permanente estado de transição em que sabemos o que não queremos, que é o factual, mas não conseguimos construir o novo.

De que forma o audiovisual auxilia no ensino da História?

A ideia de usar o cinema como uma ferramenta de educação e também de manipulação das massas nasce quase juntamente com ele, na virada do século XIX para o XX. Essa é uma discussão muito forte na Europa, mas o fato de debatermos o audiovisual e sua conexão com ensino e aprendizagem não significa que tenhamos feito o “dever de casa”. Pelo contrário, pois ainda usamos mal o audiovisual, apenas como ilustração de um período histórico. As ferramentas são riquíssimas, mas precisa-

mos ter teorias e metodologias claras de utilização da imagem, inclusive para desconstruí-la. Hollywood é uma péssima professora de História, mas é possível desmontar seus filmes e ter uma bela percepção do presente.

Qual a relevância social dos filmes e séries baseados em fatos históricos?

Os filmes históricos contemporâneos, mesmo que estejam falando de uma sociedade cujo passado é remoto, estão falando do presente, mas isso não é perceptível para o espectador. *Gladiator*, por exemplo, não fala sobre Império Romano, mas sobre os Estados Unidos e a era Bush. Ele faz uma discussão ética em torno de valores da sociedade norte-americana, mostra seu esgotamento político, o poder da mídia e o uso sistemático de valores ideológicos apresentados como verdades. Filmes como esse se valem do conhecimento histórico como uma ferramenta de percepção do presente e de localização dos indivíduos dentro dos contextos sociais. Se forem apresentados dessa maneira a estudantes, eles desenvolverão um olhar mais crítico e tentarão entender os elementos que estão por trás de um filme, questionando até sua data da produção. O fundamental é levá-los a perceber que um filme é uma construção, é uma leitura. Não é a verdade, mas uma representação da verdade.

Como você avalia a produção audiovisual de obras históricas no Brasil?

Por aqui, é interessante pensarmos na Hollywood brasileira, a TV, com seu principal produto, a novela. Nos anos 1970, era muito comum os grandes romances serem adaptados para a TV, com uma percepção nem um pouco crítica. Mas, recentemente, acompanhei uma novela que gostei muito, sobre o início da República no Brasil, *Lado a Lado*, vencedora do Emmy em 2014. As minisséries também têm um papel bem interessante de levar esse viés de desconstrução da História oficial. É uma missão a ser feita, por uma mídia comprometida em não ser apenas um negócio. Por professores de História comprometidos a se valer da História como uma ferramenta de conscientização, não apenas como um lugar de memória.

Se a ficção ajuda a compor a História de uma sociedade, não corremos também o risco da criação de uma memória histórica ficcional?

Esse risco é enorme, porque, sem um olhar crítico, as narrativas de ficção passam como verdadeiras. Como no caso do filme *Rambo*, que acabou consolidando um pouco a versão norte-americana sobre a Guerra do Vietnã. É muito provável que alguns americanos cultivem a ideia de que os Estados Unidos venceram a Guerra do Vietnã, além de outras. Esse “rocambole” histórico perigoso muitas vezes passa como uma verdade histórica. Contudo, esses filmes populares são fontes ricas para a compreensão da História Contemporânea. Por mais

horrendos que possam ser em termos de mensagem e roteiro, cabe ao professor, junto a seus alunos, decodificar e desmontar a mensagem. Porque aí atuamos em duas frentes: a do conhecimento histórico, baseado na História da sociedade, não de mitos criados pelo Estado; e a da disciplina História, utilizando o universo audiovisual para preparar a criança a lidar com diferentes manipulações de imagens que ela vai encontrar ao longo de sua vida, cuja tendência é ser cada vez maior.

A produção de vídeos para internet, independente e até amadora, pode se tornar objeto de estudo histórico no futuro?

As mídias sociais terão de ser trabalhadas pelos historiadores para tentarem compreender, por meio dessa produção, o que foi esta sociedade a partir de sua entrada na era da internet e qual o primeiro impacto na vida e no comportamento das pessoas. Essas produções são fontes riquíssimas para mostrar uma sociedade complexa, consumista e que está redefinindo seus valores. Ela começa a renegar seus valores antigos, mas não sabe quais são os novos. Qualquer historiador no futuro que quiser compreender o nosso contemporâneo, vai ter de se valer dessas fontes, que são as mais valiosas porque são as mais espontâneas.

A produção facilitada pode alterar a forma como as pessoas encaram e interpretam o audiovisual e a própria História?

Há um potencial muito forte para que, na medida em que você mesmo seja o produtor de uma narrativa, compreenda a construção de um roteiro, e o quão subjetivos são o processo e o resultado. Mas me parece que não é isso que está acontecendo. Acredito que essa produção está reforçando determinados conceitos. Não há a conscientização de que o audiovisual é uma construção. Quando se tira uma fotografia, a fotografia não mente, mas o fotógrafo pode mentir. Com a produção do vídeo é a mesma coisa. É tudo sempre uma seleção. Quando estudamos História, a primeira lição é uma frase do historiador George Duby que diz que “Os homens não vivem o real. Os homens vivem a imagem que constroem do real”. Toda questão é a imagem. O que nós temos são construções do real. Umas são fundamentadas, outras são pura ideologia.

**OS FILMES HISTÓRICOS
CONTEMPORÂNEOS, MESMO
QUE ESTEJAM FALANDO
DE UMA SOCIEDADE CUJO
PASSADO É REMOTO, ESTÃO
FALANDO DO PRESENTE**

Histórias de uma paixão

Muitos artistas têm histórias surpreendentes para contar sobre o que os levou a serem o que são. Pensei até em inventar umas para mim, afinal trabalho no limite entre a ficção e realidade e poderia até dar especiais sentidos à minha escolha. Só que uma paixão não se escolhe... Ou melhor, você um pouco escolhe e um pouco é escolhido. Nela, seus desejos se misturam com uma falta de controle que talvez seja o seu mais saboroso ingrediente.

Mas, afinal, como é que alguém escolhe ser palhaço? Sim, esse é meu ofício e assim preencho fichas de hotel, profissão: palhaço. De fato, busquei aprender a me expressar por várias linguagens, do desenho à dramaturgia, da cenografia à direção, e apronto em outras artes pelo simples gostar. Não quero o status dessas artes, quero o fazer. Prefiro ser chamado de palhaço.

Reflico aqui, enquanto escrevo, me perguntando o que me leva a gostar tanto que riam de mim. E como se aprende a gostar disso a ponto de deixar se invadir por essa paixão?

Muito do que repasso em minha memória tem a ver com minha mãe e meu pai. Ela sempre colocou sua disfarçada alma de artista em tudo que fez, dos seus deliciosos pratos às suas costuras e pinturas artesanais. E estimulava os filhos a querer fazer arte. Nada regrado ou imposto. E o gosto pelo que as artes ofereciam vinha também naturalmente. Eram gestos simples que me seduziam. Ela se entretinha por horas lendo um romance, com tamanho interesse e satisfação que me levava a querer o mesmo.

Já meu pai, muito agregador, reunia todos os meninos todas as semanas para jogar bola como se fosse sempre uma festa. Como eu e minha irmã nem sempre estávamos em todos os programas dos irmãos mais velhos, ele se aplicava em nos levar a tudo quanto era tipo de espetáculo. Assisti a filmes, peças de teatro, shows de mágica, espetáculos de circo e fiz uma infinidade de passeios divertidos. Foi um gosto ensinado, mas meu pai não fazia isso como uma obrigação de nos ensinar. Fazia porque gostava de se divertir assim e juntos nos divertíamos.

Meu irmão do meio – somos cinco – desde cedo se dedicou a ser músico e recebia muito estímulo, o que nos deixava sempre empolgados com a proximidade que a arte propiciava entre nós. Era sempre um momento de encontro familiar poder ouvi-lo tocando violão. E nada era solene, todos sempre foram muitos sarristas, brincalhões e até hoje nossos almoços de domingo são recheados de risadas.

Quando percebi, lá pelos seis ou sete anos de idade, já estava convocando meus primos a fazer peças nas

festas de família. A mais inesquecível foi uma a que fomos como quem não quer nada, colhendo histórias da infância de minha mãe e minhas tias. A apresentação no Dia das Mães foi uma surpresa para elas e para nós, e disso trouxemos memórias vivas e cheias de humor. Um humor que trazia o lirismo desse reconhecimento afetivo, que nos fez olhar o tempo sem cobrar dele mais do que ser o tempo.

Também nessa época, fui levado pela escola a uma peça infantil. Hoje, com 52 anos, uns 40 anos depois, lembro nitidamente de cenas do Casamento da Dona Baratinha, da casa de tijolinhos do cenário e de uma piada que me fez dar uma gargalhada tão explosiva e tão prazerosa que sempre que dou uma gargalhada sinto que retorno àquela plenitude da existência.

Esse mesmo prazer se deu quando fui assistir aos palhaços Torresmo e Pururuca, nos estúdios da TV Bandeirantes. Naquele dia, Torresminho fez uma magia cômica com um ovo e, depois de mil peripécias, o ovo se estatelou na testa dele. Minha estrondosa gargalhada fez a câmera me achar em close. Em casa e na escola aquela gargalhada virou assunto e, como eu era absurdamente tímido, aquilo também me colocou na cena da vida, afinal gente que nunca tinha me visto passou a me dirigir o olhar.

Não tenho uma explicação para ter atravessado a fronteira entre o espectador que adora rir e o palhaço que tem prazer em ver os outros rindo.

Sei que aprender a gostar – por mais óbvio que seja – tem a ver com o prazer. Porém, não é somente com o meu prazer. É o prazer do encontro, do reconhecimento, da afetividade. O prazer, da piada ou do sexo, que muitas vezes é condenado pelo moralismo conservador das sociedades de todos os tempos. O prazer que nos liberta e aponta caminhos. O prazer que não se prende às regras, como a explosão de uma gargalhada que rompe os muros do comodismo e nos convoca à coragem de olhar o mundo de outras maneiras; como o mundo visto pelo olhar torto e hiperbólico dos palhaços, com sua aparente ingenuidade, que nos leva a perceber que existe uma liberdade possível.

Talvez seja por isso que eu seja tão apaixonado.

Hugo Possolo é palhaço do grupo *Parlapatões*.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: DIVULGAÇÃO



ARTE DOS ANOS 1960

O SescTV exhibe neste mês, na série *Artes Visuais*, três importantes nomes da arte brasileira no cenário dos anos 1960. Nos dias 1/7 e 8/7, *Hélio Oiticica*, ícone do neoconcretismo brasileiro, é retratado a partir de comentários e análises de suas obras. Nos dias 15/7 e 22/7, uma exposição das obras de *Lygia Clark* dá um panorama de sua carreira, como a participação no grupo Frente e na Bienal de Veneza. E no dia 29/7, a irreverência e pioneirismo de *Paulo Bruscky* é recontada com base em seus próprios comentários. **Quartas, às 21h30.** Confira a classificação indicativa no site.

IMIGRAR É INTEGRAR

Italianos (dia 2/7), angolanos (dia 9/7), japoneses (dia 16/7), portugueses (dia 23/7) e sírio-libaneses (dia 30/7) que moram no Brasil são personagens de episódios da série *Coleções: Colônia de Imigrantes*, que o SescTV exhibe neste mês. Os protagonistas contam como se adaptaram aos costumes, ao clima, à alimentação e à falta de identidade no novo país. Os imigrantes também relatam como mantêm as tradições de seus antepassados e a influência desses costumes na cultura brasileira. **Todas as quintas, às 21h30.** Confira a classificação indicativa no site.

FOTO: ALICE VERGUEIRO



VIRTUOSES NO VIOLÃO

Violonistas de diferentes regiões, com repertório que vai do erudito ao popular, se apresentam neste mês, em episódios inéditos da série Movimento Violão. Com curadoria de Paulo Martelli, os programas foram gravados em unidades do Sesc em São Paulo. No dia 7/7, o Trio Opus 12 inaugura a programação; seguido de Marco Pereira, no dia 14/7; Josias Mueller e Vitor Noah no dia 21/7; e encerrando o mês, Paulo Pedrassoli, no dia 28/7. **Terças, às 20h.** **L**

ESPECIAL DIA MUNDIAL DO ROCK

O Dia Mundial do Rock é lembrado pelo SescTV com uma programação que celebra a pluralidade de estilos e grupos, dentro desse gênero musical. Entre os shows, um tributo a Raul Seixas, no dia 1/7, com participação de Elza Soares e Marcelo Nova; Trilogia da Guitarra Brasileira, dia 8/7, que reuniu os guitarristas Olmir "Alemão" Stocker, Hélio Delmiro e Heraldo do Monte; Inocentes, dia 15/7; Kaki King, dia 22/7; e Pato Fu, dia 29/7, sempre às 22h. A programação do Instrumental Sesc Brasil também homenageia o rock, com apresentações de Edgard Scandurra, dia 2/7; Macaco Bong, dia 9/7; e The Mutants, dia 23/7, às 18h. Confira programação completa e classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis, Edson Valente e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

Olhãxiã S

olhares sobre o Brasil

ESTREIA

Dia 26/8

às 21H

Direção: Isa Grinspum Ferraz

Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



/SEECTV